



O
ÚLTIMO
SORRISO
NA CIDADE
PARTIDA

OS ARQUIVOS DE FETCH PHILLIPS I
LUKE ARNOLD
TRADUÇÃO *Giu Alonso*

TRAMA

Título original: *The Last Smile in Sunder City*

Copyright © 2020 Luke Arnold

Publicado originalmente na Grã-Bretanha em 2020 pela Orbit, um selo do Little, Brown Book Group

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Trama, selo da EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.

Rua Candelária, 60 — 7º andar — Centro — 20091-020

Rio de Janeiro — RJ — Brasil

Tel.: (21) 3882-8200

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A775u

Arnold, Luke

O último sorriso na cidade partida / Luke Arnold ; tradução Giu Alonso. -

1. ed. - Rio de Janeiro : Trama, 2021.

304 p.; 23 cm. (Os arquivos de Fetch Phillips; 1)

Tradução de: *The Last Smile in Sunder City*

ISBN 978-65-89132-09-7

1. Ficção australiana. I. Alonso, Giu. II. Título. III. Série.

20-63600

CDD: 828.99343

CDU: 82-3(94)

Leandra Felix da Cruz Candido - Bibliotecária - CRB-7/6135

www.editoratrama.com.br



“Faça algo de bom”, ela disse.

Bem, eu tentei, não? Todos os casos da minha carreira foram cansativos e, por fim, inúteis. Como aquele da sra. Habbot, que me contratou para encontrar seu cachorrinho perdido. Duas semanas de trabalho, três ossos quebrados, só para a velhota morrer antes que eu pudesse cobrar pelo serviço, deixando um poodle cego e com incontinência urinária sob meus cuidados por dois meses. Só o tempo necessário para eu me apaixonar pelo maldito bicho antes de ele também bater as botas.

Descanse em paz, Pompo.

Depois teve o trabalho de curta temporada como guarda-costas de Aaron King. Fui pago à vista, não fiquei com uma mancha roxa, mas foram quatro dias e meio de agonia ouvindo aquele almofadinha metido a besta reclamar da herança. Ainda estou catando os choramingos dos meus ouvidos com uma pinça.

Depois de uma série de trabalhos igualmente idiotas, eu estava no meu escritório, cinquenta por cento apagado, setenta e cinco por cento bêbado e com zero por cento de café. Era quase o bastante. O café. Quase o bastante para me fazer parar a porcaria do jogo de vez. Levantei da mesa e abri a porta.

Não a primeira porta. A primeira porta do meu escritório tem uma janelinha de vidro com as palavras *Fetch Phillips: Faz-tudo* e leva à sala de espera no corredor.

Não. Eu abri a segunda porta. A que leva a um espaço aberto a cinco andares de altura acima da rua Principal. Essa porta havia sido usada pelo proprietário anterior, mas eu mesmo nunca tinha saído por ela. Não até então, pelo menos.

O vento outonal atingiu meu rosto enquanto eu me apoiava na ponta dos dedos dos pés na beirada e olhava para Sunder City. Seis anos desde que foi pelos ares. Seis anos de tropeços, torcendo para encontrar sem querer alguma forma de compensar todos aqueles erros idiotas.

Por que ela achou que eu poderia fazer qualquer diferença?

Trim.

O telefone castiçal agitou o sino como um mendigo pedindo um trocado. Olhei para o aparelho, me perguntando se seria pior atender ou comer o telefone.

Trim.

Trim.

— Alô?

— Estou falando com o sr. Phillips?

— Ele mesmo.

— Aqui é o diretor da Academia Ridgerock, Simon Burbage. O senhor poderia passar aqui esta tarde? Acredito que precisamos de sua assistência.

Eu sabia o endereço, e ele repetiu mesmo assim. Nossa reunião seria após as aulas, depois que as crianças já tivessem ido para casa, mas ele queria que eu chegasse um pouco mais cedo.

— Se possível, chegue por volta das duas e meia. Teremos uma apresentação que, acredito, vai interessar ao senhor.

Concordei com o horário e a ligação ficou muda.

O vento atingiu meu rosto. Dessa vez, permiti que o ar frio entrasse nos pulmões e afastasse as sombras. Minhas pálpebras se abriram com esforço. Meu sangue começou a esquentar. Esfreguei o rosto, a pele áspera e seca como um pedaço de carne curada.

Um cliente. Um caso. Um que talvez significasse alguma coisa.

Peguei minha carteira, o isqueiro, o soco-inglês e minha faca, e fechei a segunda porta com um chute.



Havia uma abertura nas nuvens depois de uma semana de chuva, e as ruas, para variar, pareciam limpas. Eu esperava parecer limpo também. Era minha primeira oferta de emprego em mais de quinze dias, e eu precisava daquilo. Estava com um terno cinza antigo, camisa branca, gravata preta, minhas melhores botas e o casaco azul-marinho, com forro de pelo, que era praticamente parte de mim.

A Academia Ridgerock era composta de três construções térreas de concreto atrás de uma grade de ferro. O maior prédio era decorado com um mural dolorosamente colorido de rostos sorridentes, raios de sol e estrelas.

Uma segurança esperava com um bule de café e um sorriso falso. Seus olhos pareciam prontos para revirar, e ela não escondia o amor pelo parco poder que detinha. Quando a mulher perguntou meu nome, eu respondi.

— Fetch Phillips. Vim ver o diretor.

Troquei minha identidade por um grunhido desdenhoso.

— No ginásio. Seguindo pelo caminho principal, nas portas vermelhas à esquerda.

Eu não havia estudado nem nunca tinha entrado ali, mas o lugar era marcado por uma espessa camada de nostalgia; o aroma inesquecível de manchas de grama, catarro, medo, confusão e sanduíches velhos de manteiga de amendoim.

As portas vermelhas tinham marcas de dedos, formando pichações acidentais. Com um puxão, eu as abri, levando um momento para me acostumar com o escuro, e entrei o mais silenciosamente possível.

O ginásio, imenso, também servia como auditório. Havia cadeiras alinhadas num canto, equipamento esportivo largado no outro. No meio, a luz quente do projetor atravessava a escuridão e iluminava uma tela branca lisa. Partículas de poeira giravam acima de uma centena de alunos silenciosos, sentados no chão, sussurrando uns para os outros. Parei nos fundos, apoiado na parede, e esperei o que quer que fosse acontecer.

Uma menina soltou um gritinho. Alguns meninos riram. Então um homem franzino de cabelo branco e grandes óculos parou sob a luz.

— Quietos, por favor. A apresentação já vai começar.

Eu reconheci a voz do telefone.

— Sim, sr. Burbage — responderam as crianças em uníssono.

O diretor se aproximou do projetor, e a luz evidenciou as rugas do seu rosto. Os alunos se remexeram, animados, quando ele tirou um rolo de filme e o encaixou no aparelho. Os alto-falantes estalaram, e uma voz empolada começou a soar.

“A Opus orgulhosamente apresenta...”

Eu perdi o fôlego. A Opus era minha antiga empregadora, e minha saída não foi das mais amigáveis. Se era isso que Burbage queria que eu visse, então ele devia conhecer algo da minha história. Não gostei nada daquilo.

“... *Meu corpo e eu: crescendo depois da Coda.*”

Comecei a ficar incomodado, puxando um fio solto da manga. A narração mudou para uma voz masculina que falava com aquele tom falsamente amigável em geral associado a vendedores, mentirosos e policiais corruptos.

“Oi, pessoal! Estamos aqui para conversar sobre o seu corpo. Não fiquem nervosos! Seu corpo é uma coisa muito especial, e é importante que vocês saibam por quê.”

Uma das crianças soltou um gemido, procurando uma risada que não encontrou. Eu não era o único que estava nervoso.

“O corpo de todo mundo é diferente, e tudo bem! Ser diferente significa ser especial, e somos todos especiais, cada um a sua maneira.”

Duas crianças de desenho animado surgiram na tela: um menino e uma menina. Eles acenaram para o público como se fossem velhos amigos.

“Talvez você tenha algo no seu corpo que seus amigos não têm. Talvez eles tenham algo que *você* não tem. Essas diferenças podem confundi-lo se você não souber por que elas existem.”

Os personagens brincaram com a narração, encolhendo os ombros, confusos, quando interrogações surgiram acima de suas cabeças. Então eles começaram a se transformar.

“Talvez sua amiga tenha dentes pontudos.”

A menina abriu a boca, revelando presas afiadas.

“Talvez você tenha cotocos nas costas.”

O menino se virou, mostrando dois calombos que surgiam de suas escápulas.

“Você pode ser coberto de lindos pelos castanhos, ou ter mais olhos que seus colegas. Você tem pele brilhante? Pernas compridas? Talvez até um rabo? Não importa como você seja, *quem* você seja, você é especial. E é assim por um motivo.”

Então as duas crianças deram lugar a uma paisagem: montanhas, rios e planícies, tudo pintado no estilo de um livro infantil inocente. Embora o filme se esforçasse para esconder isso, eu sabia muito bem que aquela história não tinha um final feliz.

“Desde o começo dos tempos, nosso mundo recebeu seu poder de uma energia natural chamada *magia*. A magia fazia parte de quase todas as criaturas que viviam aqui. Magos podiam usá-la para seus feitiços. Dragões e grifos voavam pelos ares. Elfos permaneciam jovens e belos por séculos. Todas as criaturas estavam em sintonia com o espírito do mundo, e isso as tornava diferentes. Especiais. Mágicas.

“Mas, seis anos atrás, antes até de alguns de vocês nascerem, houve um incidente.”

O fio se soltou da manga do meu casaco quando puxei com mais força. Enrolei a linha no dedo.

“Uma espécie não era conectada à magia do planeta: os humanos. Eles tinham inveja do poder que presenciavam ao seu redor, então tentaram mudar as coisas.”

Senti uma pontada já conhecida no lado esquerdo do peito, então peguei o remédio no bolso interno do blazer: um pacote de Acres Clayfield. Os Clayfields são uma versão industrializada de um analgésico usado há séculos por aqui. Trata-se basicamente de pedaços de casca da árvore de récus em forma de palitos de dente.

Enfiei um desses gravetinhos entre os dentes e fiquei mordendo enquanto o filme continuava.

“Para compensar sua inferioridade natural, os humanos construíram máquinas. Inventaram uma imensa variedade de armas, ferramentas e aparelhos estranhos, mas não era o suficiente. Eles sabiam que suas máquinas nunca seriam tão poderosas quanto as criaturas mágicas ao seu redor. Então os humanos descobriram uma lenda sobre uma montanha sagrada em que o rio mágico que corre pelo nosso planeta emerge na superfície, uma porta de entrada direto para o coração do mundo. Esse mito antigo deu uma ideia aos humanos.”

A imagem mudou para mostrar um exército de soldados raivosos com espadas e tochas, carregando uma broca gigantesca.

“Querendo capturar a mágica natural do planeta para si mesmo, o Exército Humano invadiu a montanha e derrotou seus defensores. Depois, desejando usar o poder do rio para seus próprios interesses, enfiaram as máquinas na alma do nosso mundo.”

Fiquei assistindo à animação simples contar os eventos que ficaram posteriormente conhecidos como *Coda*.

As crianças assistiam em silêncio enquanto o exército do desenho animado subia a montanha. Na tela, parecia tão simples quanto mover uma peça de xadrez pelo tabuleiro. Eles não ouviam os gritos. Não sentiam o cheiro da fumaça. Não viam o sangue. Os corpos.

Eles não me viam.

“O Exército Humano entrou com suas máquinas na montanha, mas quando os humanos tentaram absorver o poder do rio, algo terrível aconteceu. O rio brilhante de magia se

transformou de névoa em cristal sólido. O rio congelou. O coração do mundo parou de bater e todas as criaturas mágicas notaram a mudança.”

Senti o gosto da bile na boca.

“Dragões caíram dos céus. Elfos envelheceram séculos em segundos. O corpo dos lobisomens ficou instável, deformando-os. A magia foi roubada das criaturas do mundo. De todos nós. E assim permanece até hoje.”

Na escuridão, vi cabeças se virarem. Corpinhos se examinando, depois examinando os colegas. O mundo inteiro deles agora era coberto por uma tristeza que todos nós vínhamos sentindo nos últimos seis anos.

“Vocês ainda carregam a grandeza dos que já foram. Asas, presas, garras e rabos são os presentes daquele grande rio. Eles vêm dos seus ancestrais, e não há nada do que se envergonhar.”

Mordi o Clayfield com mais força, quebrando o palito ao meio. Em algum lugar da plateia, uma criança começou a chorar.

“Lembrem-se: vocês podem não ser mágicos, mas ainda são... especiais.”

O filme foi cuspidado do projetor e continuou girando, batendo descontroladamente uma dúzia de vezes antes de por fim parar. Burbage acendeu as luzes, mas as crianças permaneceram em silêncio, como estátuas.

— Obrigado pela atenção de todos. Se tiverem qualquer pergunta sobre seu corpo, sua espécie ou sobre a vida antes da Coda, seus pais e professores ficarão contentes em conversar.

Enquanto Burbage terminava a apresentação, me esforcei ao máximo para desaparecer na parede atrás de mim. Um filete de suor escorria da minha testa, e tentei secá-lo com um lenço velho.

Quando levantei o olhar, um par de olhos inquisitivos me examinava.

Eram verde-névoa, com pupilas minúsculas: élficos. Jovens. O rosto, porém, era velho. A pele dos elfos não tinha elasticidade, não mais. As olheiras poderiam indicar mais de uma década de insônia, mas o menino não devia ter mais que cinco anos. Seu cabelo era branco e parco, e o corpinho era todo torto. O rosto não tinha expressão, apenas me encarava até o fundo da alma.

Eu juro:

Ele sabia.

2

Fiquei esperando na salinha do lado de fora do escritório do diretor, num banco baixo que fazia meus joelhos baterem no peito. Burbage estava lá dentro, atrás de uma porta de vidro, falando no telefone. Não consegui entender as palavras, mas ele parecia na defensiva. Se fosse chutar, diria que alguém, provavelmente algum funcionário, não tinha ficado satisfeito com a sua apresentação. Pelo menos eu não era o único.

— Sim, sim, sr. Stanton, deve ter sido muito chocante para ele. Concordo que é mesmo um menino sensível. Talvez dividir esse momento com os colegas seja bem o que ele precisa para se aproximar dos outros... Sim, uma conexão, exatamente.

Dobrei a manga esquerda e cocei a pele do pulso. Tatuados no meu antebraço estão quatro anéis pretos, como braceletes, indo da base da mão até o cotovelo: uma linha sólida, uma estampa intrincada, um selo militar e um código de barras.

Às vezes tenho a sensação de que estão ardendo. O que é impossível. Essas tatuagens foram feitas há dez anos, a dor já passou faz tempo. Era a vergonha do que elas representavam que voltava sem parar.

A porta do escritório se abriu. Baixei o braço para a manga descer, mas não fui rápido o suficiente. Burbage deu uma boa olhada nas tatuagens e ficou parado na porta com um sorriso de compreensão.

— Sr. Phillips, pode entrar.

O escritório do diretor era nos fundos do edifício, intocado pelo sol da tarde. Uma estante cheia de livros e um globo escolar flanqueavam sua mesa, que estava coberta de papéis, guardanapos usados e pilhas de livros com páginas dobradas. Uma luminária verde no canto iluminava a sala como se estivesse fazendo um favor.

Burbage era tão bagunceiro que até eu percebi. Calça marrom e uma camisa azul-clara amassada, sem gravata. O cabelo bagunçado batia nos ombros e começava na metade da cabeça careca. Ele se sentou na cadeira de couro de um lado da escrivaninha, e eu fiquei com o assento oposto, me esforçando para ficar com a postura ereta.

Começou limpando os óculos. Depois os largou na mesa à sua frente. Então tirou um lenço branco imaculado do bolso da camisa. Pegou os óculos de novo, ergueu-os contra a luz e massageou as lentes com delicadeza. Foi aí que percebi suas mãos. Era para que eu percebesse. Era para isso, todo aquele show.

Quando ficou satisfeito com sua pequena performance para mim, Burbage colocou os óculos de volta no rosto, baixou as palmas e começou a tamborilar no tampo de madeira. Quatro dedos em cada mão. Sem polegares.

— O senhor conhece o dítarum? — perguntou.

— Estou aqui para ter uma aula?

— Só quero me certificar de que o senhor não precisará de uma. Ouvi dizer que já viveu muitas vidas, sr. Phillips. Que tem uma experiência considerável para a idade, pelo que parece. Quero ter certeza de que a reputação é merecida.

Não gosto de me submeter a testes, mas estava desesperado pelo dinheiro que talvez me esperasse após essa sabatina.

— Ditarum: a técnica usada pelos magos para controlar a magia.

— Correto. — Ele ergueu a mão direita. — Usando os quatro dedos para criar padrões específicos e intrincados, nós podíamos abrir minúsculos portais de onde a magia brotava. Os mestres do ditarum, os poucos que existiam, eram coroados como lumrama. O senhor sabia disso?

Balancei a cabeça.

— Não. — Um sorriso desconfortável surgiu no rosto dele. — Era o que eu esperava. Os lumrama eram magos que tinham alcançado tal nível de habilidade que podiam usar a magia em qualquer situação. De ataques no campo de batalha às tarefas mais simples do dia a dia. Com apenas quatro dedos eles conseguiam fazer tudo que era necessário. Para provar isso...

PÁ! Ele bateu com a palma aberta no tampo da mesa. Queria que eu me assustasse. Eu o decepcionei.

— Para provar isso — repetiu —, os lumrama cortavam os polegares fora. Polegares são ferramentas primitivas. Removê-los era prova de que havíamos ascendido além do nível mais básico da existência, nos separando dos nossos primos mortais.

O homem ergueu as mãos mutiladas para mim e balançou os dedos, dando uma risadinha, como se aquilo tudo fosse uma piada.

— Bem, que surpresa nos esperava?

Burbage se reclinou na cadeira e me avaliou. Eu esperava que fôssemos finalmente falar de negócios.

— Então, o senhor é um *faz-tudo*?

— Exatamente.

— Por que não diz logo que é um detetive particular?

— Tenho medo de que isso me faça parecer inteligente.

O diretor torceu o nariz. Ele não sabia se eu estava tentando ser engraçado, muito menos se eu tinha conseguido.

— Qual sua relação com o departamento de polícia?

— Tenho minhas ligações, mas me mantenho o mais distante que consigo. Quando eles aparecem, tenho que responder a suas perguntas, mas a proteção e a privacidade dos meus clientes vêm em primeiro lugar. Há certos limites que não posso cruzar, mas eu tento forçá-los o máximo que posso.

— Ótimo, ótimo — murmurou ele. — Não que haja qualquer questão legal com que se preocupar, mas esta é uma questão delicada, e a polícia tem mais furos que um regador.

— Não posso discordar.

Ele sorriu. O homem gostava de sorrir.

— Estamos com um professor desaparecido. Sr. Rye. Ele dá aula de história e literatura.

Burbage passou uma pasta para mim por cima da mesa. Dentro dela havia um perfil de três páginas sobre Edmund Albert Rye: funcionário contratado, um metro e noventa e cinco de altura, trezentos anos...

— Você deixa um vampiro dar aula para crianças?

— Sr. Phillips, não sei o quanto o senhor conhece sobre a Raça do Sangue, mas eles mudaram muito desde as histórias de horror

de antigamente. Mais de duzentos anos atrás, eles formaram a Liga dos Vampiros, um sindicato dos mortos-vivos que jurou proteger, e não caçar, os seres mais fracos deste mundo. A alimentação só era permitida através de doadores de sangue voluntários ou condenados à morte pela lei. Tirando um ou outro renegado, acredito que a Raça do Sangue seja uma das espécies mais nobres a surgir do grande rio.

— Peço perdão pela ignorância. Nunca conheci um. Como eles estão se virando pós-Coda?

Minha ingenuidade o agradava. Era um homem que gostava de dividir seu conhecimento com os ignorantes.

— A população vampírica sofreu tanto quanto, se não mais, que qualquer outra criatura do planeta. A conexão mágica que eles acessavam através do sangue alheio foi destruída. Eles não recebem mais a força vital mágica que antes garantia sua sobrevivência. Resumindo, estão morrendo. Devagar e dolorosamente. Transformando-se em pó, como cadáveres ao sol.

Tirei uma foto da pasta. O único sinal de vida no rosto de Edmund Rye eram os olhos intensos que brilhavam nas órbitas fundas. Ele não passava de um fantasma: narinas cavernosas, cabelo como algodão velho, pele descamando.

— De quando é essa fotografia?

— De dois anos atrás. Ele só piorou.

— Ele estava na Liga?

— É claro. Edmund era um membro fundador da maior importância.

— Ainda estão ativos?

— Tecnicamente, sim. Mas, enfraquecidos como estão, os vampiros não conseguem mais exercer o dever juramentado de

proteger os outros. A Liga ainda existe, na teoria.

— Quando ele decidiu virar professor?

— Há três anos, anunciei que ia fundar a Ridgerock. Foi uma confusão na imprensa. Antes da Coda, uma escola mista teria sido completamente impraticável. Imagine tentar forçar anões a assistir a uma aula de poções, ou colocar gnomos e ogros no mesmo time esportivo. Teria sido impossível educar qualquer criança. Agora, graças à sua espécie, todos nós fomos reduzidos ao mínimo denominador comum.

Ele estava tentando me irritar. Decidi não cair.

— Edmund se apresentou na semana seguinte. Sabia que não teria muitos anos pela frente, e esta escola era um lugar onde ele poderia dividir o conhecimento que acumulou durante sua longa e impressionante vida. Foi um funcionário fiel desde o primeiro dia, e é um membro amado da equipe.

— Então onde ele está?

Burbage encolheu os ombros.

— Já faz uma semana desde sua última aula. Dissemos aos alunos que ele precisou tirar uma licença pessoal. Rye mora em cima da biblioteca municipal. Adicionei o endereço no relatório, e o senhor é esperado por lá.

— Mas eu ainda não aceitei o trabalho.

— Mas vai aceitar. Foi por isso que pedi que viesse mais cedo. Estava curioso para saber que tipo de homem teria uma profissão como a sua, e agora eu sei.

— E que tipo de homem eu sou?

— Um homem culpado.

Ele ficou observando minha reação com os olhos sábios entreabertos. Guardei a foto na pasta de novo.

— Já faz uma semana. Por que não foi à polícia?

Burbage estendeu um envelope por cima da mesa. Dava para ver as notas de folhas de bronze lá dentro.

— Por favor. Encontre meu amigo.

Eu me levantei, peguei o envelope e contei a quantia, pensando no que acharia ser justo. Meu valor era um terço do que ele estava oferecendo.

— Isso vai cobrir até o fim da semana. Se não descobrir nada até lá, podemos conversar sobre uma extensão do contrato.

Guardei o dinheiro, enrolei a pasta e a enfiei no bolso interno do casaco, caminhando em direção à porta. Então parei antes de sair.

— Aquele filme não diferenciava o Exército Humano do restante da humanidade. Não é meio irresponsável? Isso poderia ser perigoso para os alunos humanos.

Sob a luz fraca, vi surgir aquele sorriso condescendente que tanto lhe servia.

— Meu caro — respondeu, alegremente. — Nós nem sonharíamos em ter uma criança humana aqui.



Do lado de fora, o ar gelou o suor em torno da gola da camisa. A segurança me deixou sair sem dar uma palavra, e eu retribuí o silêncio. Atravessei a rua Catorze sem muita esperança do que poderia encontrar. Professor Edmund Albert Rye; um homem cuja expectativa de vida já havia sido ultrapassada em vários séculos. Eu duvidava de que conseguiria voltar com algo além de uma história triste.

Eu não estava errado. Porém havia mais coisas por trás daquela história — coisas com dentes afiados.

3

Sunderia era uma terra inóspita sem povos nativos. Em 4390, um grupo de caçadores de dragões seguiu as chamas no horizonte, pensando que estavam se aproximando de uma presa. Acabaram descobrindo a entrada de uma fogueira subterrânea muito volátil. Em vez de sofrer pelo erro, eles decidiram usar aquelas chamas.

Sunder City começou sua vida como uma fábrica gigantesca, propriedade de seus fundadores. Durante as primeiras décadas, os únicos habitantes eram os trabalhadores que passavam os dias fundindo ferro, queimando tijolos e construindo fundações. Quando a cidade se tornou estável, aqueles não mais empregados se viram pouco inclinados a partir, então construíram suas casas e montaram seus negócios. Por fim, Sunder precisou de outra liderança separada da fábrica, então o primeiro governador foi eleito: um construtor anão chamado Ranamak.

Ranamak viera para Sunder como consultor de construção, e nunca partiu. Ele tinha todas as habilidades mais valorizadas pelos sunderianos: força, experiência e simpatia. Era um sujeito simples, com muito conhecimento sobre mineração, então a maioria dos locais concordou que ele era o líder perfeito.

Depois de vinte anos, a maior parte da cidade continuava satisfeita com o trabalho de Ranamak. Os negócios iam bem. As estradas estavam sempre lotadas e todo mundo tinha o bolso cheio. Era só o próprio governador que acreditava que seu trabalho deixava a desejar.

Ranamak tinha viajado o mundo e sabia que Sunder corria o risco de se tornar obcecada por lucros e produção, não se atentando a outras áreas da vida. Ele temia que a cultura da cidade estivesse sendo negligenciada e queria descobrir uma forma de dar alma à cidade. Em meio aos seus questionamentos, ele conheceu alguém que vivia totalmente alheio à produtividade.

Sir William Kingsley era um personagem polêmico na época: filho desgraçado de uma família humana orgulhosa, William havia recusado seus deveres em busca de uma vida nômade. Ele lia, comia, escrevia e praticava a muitas vezes recriminada arte da filosofia.

Kingsley veio a Sunder City espalhando poemas e ideias, e, de alguma forma chegou à mesa de Ranamak. Conta a lenda que, em algum momento entre a quarta e a quinta garrafa de vinho, Sir William Kingsley foi declarado o primeiro-ministro de Artes e Teatro de Sunder City.

Nos três anos que se seguiram, os impostos aumentaram para cobrir os custos das construções de Kingsley: um anfiteatro, uma escola de dança, uma galeria de arte. Ele fundou o Ministério de Educação e História, que começou a construir o museu. Ranamak e Kingsley transformaram Sunder de um local de trabalho em uma metrópole vibrante em poucos anos. Então um grupo de contribuintes irritados matou os dois por conta disso.

Hoje em dia, os sunderianos todos parecem ter a mesma opinião sobre o evento: tinha que acontecer, eles haviam ido longe demais, mas os anos de Kingsley transformaram a cidade no que ela é hoje, e todos sentem orgulho pelo que os dois conquistaram.

No aniversário do seu assassinato, para honrar seu serviço, o povo de Sunder construiu a Biblioteca Sir William Kingsley, um grande prédio de sequoias no topo de uma colina no extremo leste da cidade. Uma caminhada curta levava a uma estátua de bronze de Sir William. Era um camarada bonachão, de rosto redondo e careca. Em uma das mãos ele carregava um livro, na outra, uma garrafa de vinho. Abaixo da estátua havia uma placa com a estrofe mais icônica de seu poema de maior destaque, *Os Caminhantes*:

*A fagulha incendeia o fogareiro,
E o fogo toma o caminho.
A atravessar sempre em frente o lameiro,
Sem jamais retornar sozinho.*

A biblioteca era um dos poucos prédios de madeira que sobrevivera ao hábito sunderiano de entrar em combustão inesperadamente. Antes da Coda, quando o fogo subterrâneo ainda queimava, isso garantia aquecimento e energia de graça para todos os cidadãos, contanto que você não se importasse com partes da cidade pegando fogo de vez em quando.

A posição isolada da biblioteca a mantinha em segurança. Na maior parte do tempo. Chamas próximas haviam deformado a fachada com um calor suficiente para manchar a madeira marrom e dourada de preto-carvão. Havia um charme antiquado nos

vitrais coloridos, nos arcos e nas torres pontiagudas; era um lugar estranhamente espiritual para guardar livros velhos.

Eu gosto de livros. São silenciosos, orgulhosos e absolutos. Um homem pode voltar atrás com sua palavra, mas, uma vez escritas, elas se mantêm.

As portas imensas se abriram com um bocejo de urso, e o ar poeirento de papéis antigos preencheu minhas narinas.

A parte de dentro da biblioteca mais parecia uma coleção particular do que um prédio público. Os corredores tinham sido construídos para acentuar a arquitetura do lugar, criando um labirinto intrincado em que nenhum caminho dava onde se esperaria. Eu passaria o dia feliz procurando um tomo agradável para levar comigo, mas, para variar, havia trabalho a fazer.

Era óbvio que o resto da cidade não partilhava da minha paixão pela biblioteca. Só depois de caminhar por entre as estantes sinuosas, encontrei a única ocupante do lugar, abaixada em um dos corredores. A bibliotecária devia ter uns trinta anos, usando calças de lã cinza e um cardigã azul-marinho. Tínhamos a mesma idade, embora o tempo a tivesse envelhecido como um bom vinho e a mim, como leite deixado para coalhar no sol. O cabelo castanho caía numa trança pelas costas, e sua pele era bronzeada e coberta de sardas. Ela me viu chegar e sorriu com lábios que salvariam um marinheiro se afogando.

— Bem, você deve ser o faz-tudo do diretor.

Ela ficou de pé e apertou minha mão. Seus dedos longos e finos envolveram completamente os meus. Eram dedos feitos para a bruxaria.

— Fetch Phillips — falei. — Como sabe que não vim pegar um livro?

— Eu reconheço um bebedor quando vejo um. Se o sol está se pondo e você não está com um copo na mão, aposto que está a trabalho.

A menina era duplamente esperta. Tinha sabedoria das ruas e dos livros.

— Este lugar é incrível. Você trabalha há muito tempo aqui?

— Dez anos — respondeu ela, soltando meu pulso. — Passei pelo incêndio, pela Coda e pelos vampiros.

— Qual foi o pior?

— Quer mesmo saber, soldado? — Ela me observou com um olhar arguto mas sem julgamento, então passou ao meu lado e seguiu pelo corredor. — Certamente não foi o Ed. No início eu fiquei feliz por ter alguma companhia, e logo percebi como tive sorte por conhecê-lo. O professor sem dúvida é a criatura mais inteligente que já conheci. Venha. Vou te levar ao quarto dele.

Ela me conduziu até uma passagem estreita que dava numa escada encostada na parede dos fundos. Essa escada subia além da seção de romances até uma abertura no teto.

— Pode ir.

Pisei no primeiro degrau, e a escada se moveu nas tábuas de madeira.

— Você não vem?

— Vou, sim. Mas você está de casaco, e eu, de calças justas. Imagino que um camarada decente se ofereceria para subir primeiro.

Assenti, rindo como um idiota, e comecei a subir. A escada tremeu quando ela veio atrás de mim.

— O velhote subia por aqui todo dia? — perguntei.

— Subia, devagar e reclamando, mas sempre dizia que era bom fazer algum exercício.

Ajudei a bibliotecária a sair da escada para o espaço apertado. Dali, consegui admirar os detalhes da construção do cômodo. Estantes curvavam-se e abraçavam cada canto como as raízes de uma árvore caótica. O sistema de arquivamento devia ser um pesadelo.

Os dedos longos da bruxa empurraram uma porta, revelando um espaço amplo e aberto acima do teto. Ela se abaixou por baixo do batente e me levou para o cômodo bem iluminado.

Nós dois paramos, nos acostumando com a luz da tarde que invadia o lugar por todos os lados. As laterais do cômodo eram mais janela que parede. Do lado de fora, o céu estava nublado, mas o brilho dos reflexos ainda ardia nos meus olhos de ressaca.

— Originalmente não havia este patamar, e as claraboias rutilavam pelo prédio inteiro. O problema é que o sol estava danificando os livros, então construíram esta plataforma para bloquear a luz. Quando Edmund viu isso, na hora perguntou se poderia morar aqui.

— Este é o lar de um vampiro?

O cômodo era um mundo de luz, sem sombras. Espaçoso e circular, com uma cama extravagante no centro e prateleiras de madeira baixas em todas as paredes.

— É o sangue — explicou ela.

— Como assim?

— Antigamente, Edmund nunca poderia ficar num lugar assim. Mas quando as coisas mudaram e o sangue não o alimentava mais, o sol também parou de ter qualquer efeito sobre

ele. Acho que é por isso que ele gostava tanto deste lugar. Compensava todos os anos no escuro.

Comecei a investigar o quarto sem pressa. Os livros nas prateleiras e ao lado da cama eram variados e visivelmente desorganizados. Numa parede lateral, uma coleção impressionante de vinhos juntava poeira perto de algumas garrafas vazias.

Em uma das mesas de cabeceira estava a correspondência dele, aberta, mas bagunçada. O primeiro envelope da pilha era marcado com uma estrela azul em um círculo e a sigla LdV: Liga dos Vampiros. Dentro havia um informe produzido em massa com obituários, novidades da comunidade, itens à venda e outras coisas cotidianas.

— Eles chegam toda semana — explicou a bibliotecária. — Os outros membros da comunidade mantêm contato, trocam histórias, tentam buscar apoio. Edmund ignora a maior parte deles.

Folheei mais algumas cartas, mas era bem o que ela dissera: convites antigos para encontros de vampiros e artigos tristes sobre a terra natal deles, Norgari.

— Alguma chance de ele ter saído da cidade?

Ela balançou a cabeça.

— Ele teria comentado comigo, e mesmo assim... não vejo como seria possível. Ele leva uma hora só para chegar à escola, e um cavalo ou carruagem balançam demais para ele.

Abri um baú de madeira maciça no pé da cama e encontrei seis pastas de couro idênticas: os arquivos das turmas de Rye. Dentro de cada pasta estavam os documentos apropriados para cada matéria: folhas de chamada, ementas dos cursos, materiais de leitura, provas dos alunos. Cada pasta estava identificada,

organizada e em perfeito estado; um nível de cuidado ausente do restante da vida bagunçada.

A última pasta não tinha identificação, e continha alguns arquivos coloridos com relatórios de alunos específicos.

— Aulas particulares — explicou a bibliotecária. — Certos alunos têm interesses específicos e pedem para conversar com Edmund sobre o assunto. Acho que não sabem no que estão se metendo. Ele é muito generoso com o seu tempo, mas exige total dedicação em troca. Às vezes Edmund é um pouco exigente demais, mas é porque é muito apaixonado. Ele não compreende por que alguém não teria a mesma sede de conhecimento que ele. — Uma risadinha escapou dos seus lábios antes que o medo a capturasse. — Acho que a mortalidade o deixou em pânico. Ele quer absorver o máximo que puder enquanto for possível, antes que seja tarde demais.

Folheei os arquivos. Edmund estava ensinando a um jovem lobisomem sobre a evolução dos híbridos humano-animais conhecidos coletivamente como licum. Uma sereia adolescente queria ser cantora, então Rye estava forçando-a a aprender toda a história da música. Ele tinha vários estudantes fazendo um curso sobre “Política mago-humana moderna”. Se eu conseguisse encontrar o professor, poderia fazer essa aula também, pensei.

— Como está a saúde dele?

O sorriso que ela vinha mantendo com tanta convicção desabou.

— Pela sua cara, achei que o dia em que ele chegou seria o seu último. De alguma maneira ele sobreviveu esses anos, mas os últimos meses foram os piores. A mente segue em batalha, mas o corpo está falhando.

Dei uma última olhada no quarto iluminado. Alguém ficaria surpreso se Edmund Rye estivesse morto? Claro que não. O impressionante era que ele tivesse durado tanto.

— Vou ver o que consigo encontrar — falei —, mas parece que a falta de sangue pode ter finalmente sido fatal.

Ela tentou dizer algo, mas não conseguiu encontrar as palavras. Então virou a cabeça para as grandes janelas. Peguei a pasta com o material das aulas particulares e mais alguns documentos pessoais: bloco de notas, passaporte, certificado de licenciatura. No fundo do baú, sob as pastas de couro, havia uma pilha grossa de papel amarrado. Levantei a folha de cima e encontrei a primeira de muitas páginas manuscritas, com um título que dizia: *Um estudo sobre a transformação, do Professor Edmund Albert Rye*. Parecia que o professor estava escrevendo um livro ele mesmo. Peguei os papéis e juntei aos documentos dos alunos.

— Vou levar isso aqui, se não tiver problema. Prometo que trago de volta quando terminar.

Ela só assentiu, o corpo ainda voltado para o céu claro da tarde. Fingi me ocupar no quarto até que ela disfarçou sua tristeza o suficiente para descer.



Do lado de fora, peguei um cartão de visita do meu estojo prateado e entreguei a ela.

— Desculpe, não perguntei seu nome.

Ela segurou o cartão entre os dedos finos e o guardou no bolso.

— Eileen Tide.

— Obrigado pela ajuda, Eileen. Percebi a coleção de vinhos lá em cima. Ele frequentava algum bar em especial?

— O bar do Jimmy. Na rua Três, acima do curtume.

Assenti e sorri, fingindo que o caso não parecia tão insolúvel.

— Ele ainda pode aparecer — sugeri, tão reconfortante quanto uma nuvem prestes a desaguar uma tempestade.

— É o que espero. Se precisar de mim, estarei aqui todos os dias enquanto fazemos algumas mudanças. As pessoas estão imprimindo livros de novo. Do jeito humano. Novas histórias estão vindo de além do continente, e edições revistas de tomos antigos estão sendo publicadas para refletir o mundo novo. Temos que limpar a maioria dos títulos pré-Coda.

— Mas vocês não podem jogar a história fora, sem dúvida.

Ela deu de ombros.

— Vou avaliar tudo, guardar os que ainda fazem sentido. Mas não tem por que tentar fingir que o mundo não mudou.

Sua voz estava tão distante que parecia estarmos no meio de uma ligação ruim. Ela se despediu, voltou para dentro e bateu as portas. Eu ouvi os trincos se fechando.

Passei por Sir William ao sair. Ainda sorrindo. Ainda bebendo. Olhei para a garrafa na mão dele.

— Ah, tudo bem — murmurei. — Mas só porque você insistiu.

4

Nada mudara no Fosso em anos. O ar era o mesmo. A camada de sangue seco no chão era a mesma. O velho Boris atrás do balcão era o mesmo. Tudo parecia apenas cada vez mais pesado.

Era um cubo gelado de cimento a alguns tropeços da minha casa. As paredes eram cobertas de rachaduras jamais consertadas e as lareiras só eram acesas quando nevava. Cabines de madeira, algumas mesas e um balcão quase sempre cheio.

Boris era um banshee, agora mudo (como todos do seu povo). Ele era o guardião de uma seleção impressionante de bebidas importadas, mas a maior parte do dinheiro vinha das cervejas baratas, das doses de destilados e aguardente.

O Fosso não era dos mais elegantes, no entanto os pedidos vinham rápido. Você recebia sua bebida, ficava quieto, e ninguém te perturbava com hospitalidades desnecessárias. Era perfeito.

Um mago mais velho chamado Wentworth estava a postos no seu lugar de sempre: um banquinho de metal que ele arrastava de mesa em mesa, se metendo em todas as conversas. Ele era magro como uma vareta, com um bigode tristonho que escorria do nariz como um lenço molhado. Caso sentisse que uma conversa precisava da sua expertise, logo estacionava na mesa necessitada.

Era totalmente surdo e bastante caduco, mas todos tolerávamos seu falatório. Qualquer tentativa de discussão ou correção só prolongava sua estada. Era melhor assentir, fingir se convencer e torcer para que ele se distraísse com outra mesa adiante.

Botei duas moedas no telefone público nos fundos do bar. O fone tinha um selo de metal que dizia *Mortales*.

Quando o rio sagrado congelou, todas as tecnologias mágicas falharam, e a maioria das criaturas teve que se adaptar. As forjas dos anões esfriaram, os gigantes enfraqueceram a ponto de não conseguir trabalhar, as ciências élficas pararam de fazer sentido. Os gremlins e goblins que fizeram fortuna inventando maquinaria mágica se viram com armazéns e mais armazéns de aparelhos inúteis. Tudo que restou foram as fagulhas, a gasolina e os pistões das fábricas humanas.

O Exército Humano tinha ganhado a guerra, mas a vitória destruiu os espólios. A magia que queriam capturar desapareceu, então eles mudaram de nome e de foco. Os generais se tornaram gerentes, e os soldados, vendedores. Só esperaram alguns meses como cortesia para começar a oferecer as soluções para o mundo que eles mesmos destruíram.

É claro que nenhum negócio ex-mágico queria entregar suas economias para os idiotas que destruíram o futuro da existência, mas que opção tinham? Quando a *Mortales* começou a cuspir fornos e rádios baratos, até os mais dedicados anti-humanos foram obrigados a se dobrar.

Os telefones vieram a seguir: caixotes coloridos nas esquinas ou grudados nas paredes dos correios. Quando passaram as fiações pelas ruas, todos paramos de nos preocupar com as implicações morais e aceitamos a presença deles como um mal necessário.

Mesmo assim, cada moeda que eu colocava no aparelho me cortava os dedos.

— Serviço de telefonista de Sunder City — disse uma voz. — Como posso ajudá-lo?

Pedi para falar com Richie Kites, no departamento de polícia. Ele concordou em me encontrar quando saísse do trabalho, que seria dali a dois drinques. Eu nem precisava pedir. Boris já tinha preparado o meu seiva queimada, que levei para o canto para trocar uma ideia.

No fundo do bar, dois elfos bêbados jogavam uma partida infinita de dardos em um dos alvos especiais que só se encontravam em Sunder.

Depois que Ranamak foi assassinado, um humano sunderiano ocupou seu lugar. O governador Ingot era um homem de negócios. Na teoria, isso era bom para a população, mas no fim ele estava mais preocupado em vender Sunder City para o mundo do que em cuidar dos habitantes.

A primeira peça de propaganda foi um mapa totalmente novo. Não do mundo inteiro, mas só do nosso continente, Archetellos. Todas as outras ilhas foram ignoradas. Archetellos, em si, foi modificado e colocado em escala de modo que Sunder ficasse bem no centro. Por um lado, era uma ideia inédita; por outro, o efeito imediato foi ofender todo mundo com um conhecimento básico de geografia.

Os pôsteres foram colados em placas grossas de madeira e distribuídos pela cidade. O plano era espalhá-los pelo mundo, para convencer outras terras da importância de Sunder City, mas os mapas sofreram uma zombaria tão veemente que a produção foi interrompida quase que de imediato.

Só alguns restavam em estabelecimentos locais, provavelmente como piada. Uma noite, quando os outros alvos estavam cheios, alguns clientes já bêbados tiveram uma ideia.

Sunder City, falsamente transformada no centro de Archetellos, valia cinquenta pontos. Centros élficos como a sede da Opus ou o lar deles, Gaila, trinta. A cidade de Perimoor, a leste, e os despenhadeiros de Vera, a oeste, valiam vinte e cinco. As Montanhas Anãs no norte valiam vinte, mas era melhor que as Planícies Bruto, que faziam você perder cinco pontos.

Ilhas valiam cinco cada, incluindo Ember (de onde as fadas vinham) e Keats (onde os magos eram treinados). Não havia punição por acertar a água, mas dependendo do estabelecimento havia regras locais. No Fosso, em respeito a Boris, o lar dos banshee, Skiros, valia trinta e cinco pontos.

Cidades humanas valiam zero. Weatherly, Mira e a velha base do Exército Humanitário obrigavam a passar a vez. Em alguns bares, faziam perder a partida.

Os elfos bêbados ainda estavam acertando a maior parte dos dardos no oceano quando Richie chegou.

Ele tinha engordado um quilo por semana desde que entrara na polícia, alguns anos antes. Ogros podem ser imprevisíveis, mas Richie era um meio-ogro, criado na cidade.

Ao redor do punho esquerdo ele tinha uma tatuagem que combinava com a minha: a estampa complicada que emanava um brilho verde sob o fogo. Como eu, ele passara alguns anos da juventude trabalhando para a Opus. Na época, não havia um problema que suas mãos de pistão não pudessem resolver. Agora ele rezava para o deus burocracia. Eu tinha a tendência de me manter no limite da nossa amizade. Os costumes profissionais

ditavam que seríamos inimigos, mas às vezes eu podia contar com ele para me trazer informações privilegiadas.

— Seiva? Você ainda bebe essa porcaria açucarada?

Engoli o resto do meu drinque e ergui a mão para pedir outra rodada a Boris.

— Uma Ale para mim — gritou Richie ao sentar na minha frente —, porque eu *por acaso* não sou uma garotinha na puberdade. Agora, qual o seu problema?

Sem mencionar nada em específico, perguntei a Richie o que ele sabia sobre a Raça do Sangue.

— Vampiros? Fetch, se você insiste em cavar onde não é chamado, pelo menos fique longe do cemitério.

Boris trouxe nossas bebidas. Richie tomou um longo gole da caneca de metal e lambeu a espuma dos lábios.

— Quantos ainda tem por aí?

Ele deu de ombros.

— Não muitos. A maioria ainda vive naquele castelo em Norgari, como na época da Liga. Chamam de Câmara. Eu não acredito que tenha mais de uma centena por lá. Aqui na cidade, não deve passar de quinze. Eles normalmente se encontram naquela casa de chá perto da piazza, Presa Quebrada.

Nunca tinha ouvido falar. A piazza era um lugar cheio de turistas que eu tentava evitar.

— Você parece saber bastante coisa. Isso significa que a polícia fica de olho na comunidade vampírica?

Richie me encarou com um olho injetado. Sabia que era melhor pensar duas vezes antes de morder a língua perto de mim. Mais de uma vez ele cometera o erro de falar demais, e isso sempre ferrou nós dois.

*image
not
available*

pela garagem, revelando algo branco e brilhante por baixo. Enfiei os dedos na areia e tirei o objeto. Era uma pedra? Não. Ergui a mão e levei o objeto à luz.

Era um dente afiado e oco, pontudo.



Os policiais tinham problemas comigo por vários motivos. Em particular, não gostavam do meu costume de só avisar sobre um crime depois de já ter avaliado todos os cantos da cena para meus próprios objetivos. Para variar, fiz a coisa certa e mandei chamar Richie na hora. Ele ficou gritando comigo por ter sido acordado, até que eu contei o que tinha encontrado sem querer.

— Não encosta em nada.

— Não encostei. Assim que percebi o que encontrei, saí de lá e vim ligar para você.

— Mentiroso.

A ligação caiu. Isso que dá tentar fazer um favor para um amigo.

Esperei na calçada pacientemente até ele chegar. Eu tinha esperança de que, sendo bacana com a polícia, conseguiria descobrir mais do que se ficasse revirando a casa de chá sozinho. Essa esperança foi destruída em pedacinhos quando o rosto escamoso da detetive Simms apareceu.

Eu gostava mais dela antigamente, quando era só uma policial irritada e nervosa. Ela virou detetive logo antes de o mundo acabar. Por ser reptiliana, seus sentidos aguçados a ajudavam a resolver casos mais rápido que qualquer outro detetive. Agora, seu rosto verde vivo se transformara num marrom pálido, e várias

*image
not
available*

restaurantes eram jogados num barril, e qualquer um que estivesse de barriga vazia podia pegar uma concha e se servir. Se eu já tinha feito isso? Mais de uma vez, e não era nem de longe a pior refeição que já fizera.

No comando estavam os Irmãos Hum, uma ordem religiosa de monges alados. Historicamente, os Irmãos nunca tinham acreditado na história dos elfos de que o grande rio era a fonte de toda a vida e toda a magia.

Os Irmãos Hum diziam que o mundo havia sido criado pela canção da Lua. Era um sistema de crenças complexo e atraente, porém com um pequeno problema: estava errado. A gente sabia disso agora. A Coda tinha provado: mesmo que os elfos e suas escrituras não estivessem certos sobre tudo, certamente estavam mais próximos do que qualquer outra pessoa.

Imagino que seja bom saber qual mito de criação é o correto, mas o preço a se pagar pela certeza foi alto. A única lenda verdadeira morreu, e acreditar em qualquer outra coisa parece tolice. A fé nos abandonou. Os deuses desapareceram. Ainda assim, os Irmãos Hum permaneciam.

Começaram a servir comida no bonde algumas semanas depois do apagão. Em vez de desistir da sua vocação, eles redobraram seus esforços e devotaram suas vidas a ajudar os necessitados da cidade.

Na minha breve e terrível vida, já vi muitas pessoas esconderem seu desejo por atos horríveis atrás de uma vocação aparentemente evoluída. Não é difícil encontrar uma crença que apoie suas vontades egoístas. A maior surpresa para mim foi descobrir que o contrário também acontece. Esses monges de asas quebradas, mesmo sem suas histórias, simplesmente têm bons corações.

*image
not
available*

fazia um favor, e eu precisava fazer algo para recompensá-lo, mas nunca conseguia pensar o quê.

A esposa dele, Sally, que se tornou minha mãe, era a mulher ideal na teoria (se a teoria fosse escrita por um comitê de políticos sem graça). Animada, arrumada e obediente. Weatherly tinha muitas leis e um código moral muito rígido, então a sra. Sally Kane seguia as regras como se sua vida dependesse disso. Era carinhosa, presente e nunca reclamava de nada que eu fazia, mas se eu tentava me aprofundar, era como se não houvesse nada além da superfície. Em certo momento da minha juventude, parei de pedir seus conselhos ou de perguntar o que ela achava, porque sempre conseguia adivinhar a resposta. Ela nunca parecia ter dúvidas. Nunca se contradizia. Era como se nem estivesse ali.

Só agora, depois de anos do lado de fora, consigo compreender um pouco o que estava acontecendo naquela cidade, naquela casa e na cabeça dela. Weatherly era um mundo masculino. Feito para humanos e só para humanos, e para homens em especial. Sally Kane tinha passado a vida inteira entre aquelas paredes. Ela seguia as regras, acreditava nas histórias e se moldava à versão perfeita do que Weatherly queria. Como você poderia culpar alguém por se tornar exatamente quem achava que precisava ser?

Nossa casa ficava nos subúrbios, porque todas as casas em Weatherly ficavam nos subúrbios. Graham usava terno todos os dias, porque todos os homens com mais de dezoito anos usavam ternos todos os dias. Nos fins de semana, nós íamos à arena e assistíamos aos jogos como todos os outros. Eu ia para a escola. Fazia meus deveres. Repetia as verdades que me eram ensinadas para poder tirar boas notas e deixar meus pais felizes. Obedecia como todos os outros. Fazia o que era mandado. Ficava dentro das paredes, como todo mundo.

*image
not
available*

Foi Graham que fez isso acontecer. É claro que foi. Ele me levou àquela direção e eu me dediquei totalmente. Disse-lhe como seria bom trabalhar direto com ele, como eu estava animado. Então ele não teve escolha a não ser me alistar para o controle de fronteiras como cadete aprendiz.

Houve uma pequena cerimônia de formatura com todos os outros patrulheiros. Nossos nomes foram lidos na frente do público e então sentamos em uma longa mesa. Depois que todos os dez formandos foram anunciados, a formalidade passou e a coisa virou uma festa. Bebemos cerveja (pela primeira vez fora de casa), e os patrulheiros ficaram animados e exaltados nas comemorações. Enquanto a gente bebia, um homem com avental de couro seguia pela mesa. Ele parava na frente de cada formando, estendia um pano manchado, tirava um frasquinho de tinta e uma agulha, e marcava cada novo membro da patrulha com uma faixa preta ao redor do pulso.

Na minha vez, o homem do avental se afastou e Graham tomou seu lugar. Ele segurou minha mão com gentileza enquanto mergulhava a agulha na tinta e perfurava minha pele. Doeu, mas não tanto a ponto de eu não apreciar o gesto. Ele não era um homem de muitas palavras, então, para ele, aquela tatuagem era um longo e emocionado discurso. Quando acabou, Graham limpou e enfaixou meu punho, e me abraçou de novo.



Para a minha surpresa, acordei no meu primeiro dia de trabalho me sentindo bastante orgulhoso. Meu pai e eu nos alternamos tomando banho e engraxando os sapatos. Nossos uniformes já estavam passados, e eu não precisava fazer a barba, mas fiz assim mesmo.

*image
not
available*

5

Perdi a manhã por meia hora e acordei com o sol da tarde batendo na janela. Ninguém deveria viver no número 108 da rua Principal de Sunder City. Era um escritório. Mas o inquilino anterior tinha instalado uma cama que podia ser aberta à noite e erguida durante o horário do expediente. O proprietário, Reggie, ficava feliz de fingir que não via se pudesse pedir um favor de vez em quando.

Eu tinha uma escrivaninha, duas cadeiras descombinadas e uma mesa que servia de bar. Havia no canto um cabideiro que nunca tinha nada pendurado e uma lata de lixo cheia de Clayfields ressecados. Tinha uma pia com um espelho, mas o banheiro ficava no fim do corredor. O tapete velho era tão marrom quanto o piso de madeira, e quase tão duro quanto.

Olhando para o corredor (de costas para a primeira porta), o escritório à esquerda era a firma de advocacia familiar de uma lobisomem. Ela trabalhava durante a semana, no período da manhã, e as únicas visitas que recebia eram de grupos de herdeiros brigando pelas poucas posses deixadas pelos falecidos pais.

O escritório à direita estava vazio desde a morte de Janice. Era uma sátira velhinha que treinava guerreiros na época da Guerra

*image
not
available*

O neto preguiçoso saiu da cozinha com um copo e uma garrafa de uísque surpreendentemente bom. Entregando os dois para o velho, o garoto desapareceu nos fundos do restaurante de novo.

Os dedos do velho tremiam quando ele destampou a garrafa nova em folha e serviu uma dose generosa.

— Dose dupla, sem gelo — disse ele com um orgulho que não parecia combinar com a situação. Foi então que a pressão do meu papel ali se revelou diante dos meus olhos.

Eu era o primeiro cliente dele. *Merda*. Na sua cabeça, todos os sonhos e esperanças do estabelecimento dependiam da minha opinião. Relutantemente baixei os olhos para o prato.

A primeira coisa que notei foram os cogumelos. Era difícil não notar. Eram tão grandes quanto um pires e cozidos num molho tão aguado que dava para chamar de sopa. Tive que usar a colher para tirá-los do caminho e conseguir olhar para o resto do prato. Não estava muito melhor.

Ao abrir os ovos, percebi que, em vez das gemas moles que eu pedira havia um pedaço de giz amarelo. Os tomates tinham se liquefeito, se revoltado e atacado a torrada, criando uma pasta vermelha que parecia ser os restos de uma cirurgia. Tinha uma coisa preta no canto do prato que poderia ser uma salsicha... ou talvez alguma fruta? Não toquei naquilo.

Quando tomei um gole do uísque antes de dar uma garfada, ele pareceu entender a mensagem.

— Não gostou?

Ofereci uma desculpa vaga.

— Não, parece ótimo. Acho que talvez esteja mesmo meio tarde para o café da manhã.

Ele se inclinou e observou meu prato de novo.

*image
not
available*

— Um soldado.

O código de barras.

— E um criminoso.

Abri o meu sorriso mais doce para ele.

— Quase. A segunda é da escola de jazz. Mas não se preocupe, é um erro comum.

Foi aí que o outro punho veio. Um soco na lateral do rosto que mais parecia um coice.

Eu levei e gostei. Não tinha opção. Eu havia entrado no estabelecimento dele e começado a falar pelos cotovelos; e se puxasse a faca provavelmente teria que arrancar meus dentes do balcão com um alicate.

Sua sobrancelha única de taturana se franziu para mim, me indicando que era hora de dar o fora. Depois que voltei a sentir os dedos, desdobrei a manga devagar.

Fiquei trêmulo por um momento, esperando o lugar parar de girar, então peguei o copo de água e o virei de uma vez. Foi uma idiotice que não provava nada, mas eu sempre me esforçava para entreter.

— Obrigado pela bebida.

Guardei o troco e tentei encontrar meus pés. Orgulhosamente, eu os achei no final das pernas. O gnomo no terninho branco murmurou algo para mim. Meus ouvidos estavam zunindo demais para que eu conseguisse ouvir. Passei por ele flutuando, descí as escadas e saí para o céu cinzento. Se Edmund Albert Rye agora era lembranças e pó, eu não precisava perder a cabeça por ele por enquanto.

*image
not
available*

Sentei no piso rachado e coberto de mato, temendo que até minha respiração pudesse destruí-la. Olhei nos olhos que eram nós frios de madeira e tentei deixar minha memória preenchê-los com vida, mas aquele tipo de mágica morreu junto com ela.

Uma vinha fina atravessava sua testa, tão apertada que afundava a pele. Puxei a faca do meu cinto. Não pude evitar. Com um corte delicado, a vinha foi arrancada.

Ouvi um rangido suave, mas nada se partiu. A marca no rosto dela era pequena. Com o tempo, a vinha teria atravessado sua cabeça.

Tirei a foto de Rye do bolso e a larguei no chão entre nós dois.

— Esse cara está desaparecido. Parece que era gente fina. Vou encontrá-lo se conseguir. O corpo dele, se for o que houver. Talvez fazer alguma justiça, se alguém o desrespeitou. Eu...

Estava sendo ridículo. Ela me diria isso, se pudesse. O que eu não faria para ouvi-la rindo de mim mais uma vez?

— Era isso... Era isso que você queria?

Ela respondeu o mesmo nada das outras vezes que eu estivera ali. Tirei os olhos do seu rosto paralisado e baixei a cabeça. Galhos rangeram e racharam no silêncio.

— Eu não estaria mais aqui — sussurrei para a madeira petrificada. — Se não tivesse prometido para você, eu já não estaria mais aqui. De um jeito ou de outro. Não sei se devo agradecê-la ou amaldiçoá-la. Só queria que você soubesse... que estou tentando.



Meus olhos arderam quando saí para o sol. Do pó, disse a mim

*image
not
available*

Certamente a mulher não gostava da minha presença ali. Talvez só fosse contra pessoas que não respeitam horários. Eu me sentei obedientemente e tentei não perturbá-la de novo.

Ela bufou e suspirou tantas vezes que achei que fosse hiperventilar antes que Burbage chegasse.

— Pode entrar, sr. Phillips. Que bom vê-lo tão cedo.

Ao passar pela recepcionista, notei que ela soltou um suspiro de alívio. Dando uma olhada para trás, por fim, vi os cotocos onde suas asas ficavam, dois montinhos estranhos erguendo a camisa. Ou elas tinham mirrado com a falta de uso, ou tinham sido amputadas (não era incomum, considerando que asas sem magia podiam ser dolorosamente pesadas). Ela era alguma criatura dos céus. Uma harpia, talvez, eu não tinha certeza. Não importava. Nós dois estávamos felizes por eu não estar mais ali.



Burbage sentou-se na cadeira e se inclinou para a frente, tenso com a expectativa. Eu desejei ter mais a contar.

— Encontrei os corpos de dois vampiros. Devo saber a identidade deles em breve. Há tão poucos na cidade que a probabilidade é alta de termos achado nosso homem.

O sorriso do diretor sumiu, e ele começou a procurá-lo na mesa. Em vez disso, encontrou um cachimbo longo. Com os quatro dedos estranhamente ágeis, riscou um fósforo, enfiou-o no fumo e tragou pensativamente.

— Quais eram as circunstâncias?

Tirei um Clayfield do bolso e comecei a mastigar.

*image
not
available*

Dei uma tragada leve. Tabaco não era muito a minha, mas aquele cigarro tinha uma mistura doce de temperos que não era desagradável.

— Está trabalhando até tarde?

— Detenção. Algumas elfas decidiram pesquisar história e usar o que encontraram para fazer bullying com outras crianças. Saiu uma briga com uns gnomos. Eu deveria voltar e explicar para eles por que tudo isso é passado.

O seu suspiro poderia afundar um navio.

— A história de *ensino para todos* ainda não está correndo totalmente sem problemas, né?

— Espero que a gente consiga chegar a esse ponto. No momento, estamos recebendo mais reclamações do que novas matrículas. Todos os pais querem que seus filhos recebam o mesmo tipo de educação que receberam quando eles eram crianças. Anões querem metalurgia. Elfos querem história. Os gremlins querem clargamismo, seja lá que merda é essa. — Ela jogou o cigarro no chão e apagou com a bota. — A gente já passou dessa época, mas ninguém entende. Preferem mandar as crianças para a Escola do Primeiro Rio ou o Lar Educacional Licum, mantendo todas elas separadas e ensinando um monte de merda específica de cada espécie que nem importa mais.

Ela me olhou de verdade pela primeira vez, como se só então percebesse que estava falando com uma pessoa de verdade.

— Tem tabaco no seu dente — avisei.

Ela cutucou o incisivo com a unha.

— Você é o cara que está procurando Rye?

Eu assenti.

*image
not
available*

preocupar que se tornem verdade? Que talvez você não devesse existir?

Eu já tinha visto muitas coisas serem quebradas na vida: ossos, corações, promessas. Aquela mulher estava se quebrando bem na minha frente. Eu observava enquanto de alguma forma seus olhos ficavam vazios. As ondas de ódio passaram. A porta fechou.

Mantive a cabeça baixa até chegar em casa, repassando os eventos dos últimos dias e me perguntando o que poderia fazer que ainda não tinha feito. Talvez o velho tivesse morrido. Talvez eu fosse inútil. Talvez fosse tarde demais. Como sempre.

Voltei para o escritório e estava virando uma dose quando ouvi uma batida na porta, imediatamente seguida de um gritinho irritante:

— Alô-ô!

Parado na entrada estava um homem bem-arrumado, de terno risca de giz, chapéu e sem gravata. Sem ser convidado, ele entrou e se sentou. Falava como se fosse um apresentador de rádio, e eu já queria diminuir o volume.

— Boa tarde, sr. Phillips. Fico feliz de tê-lo encontrado em casa.

Ele cruzou as pernas para mostrar as meias coloridas e percorreu os olhos pelo meu escritório como se fosse um turista num museu.

— Minha nossa — exclamou, apontando para a porta atrás de mim. — Você ainda tem a sua porta de anjo. Que graça. Eu tapei a minha logo depois da Coda. Não tem mais nenhuma criatura voadora batendo na porta, certo?

Fiquei tentado a abrir a porta e mostrar a ele como aquela segunda saída poderia ser útil.

*image
not
available*

dificuldade de forçar alguma esperança no seu coração. Velho só significa insensível, cínico e cansado. E, minha nossa, como eu estava cansado.

Mas aqueles sussurros tinham calor. Um calor de juventude. Minha mandíbula estava tão tensa que eu quase rachei meus próprios dentes.

Gangue da Unha.

Bora encontrar essa merda de Gangue da Unha.

*image
not
available*

Ele soltou uma risada com a cara na caneca.

— Vem cá, então.

O homem virou a caneca em direção à cara gorda e tirou o peso do banquinho. Atravessamos o bar lotado até um grupo agitado de garotos e algumas garotas ao lado da lareira. Eram mais jovens que a maioria da clientela, os meninos com o rosto coberto de pelos ralos que fingiam ser barba. Tatuagens e canivetes à vista. Tudo bem, eu era ridículo, mas pelo menos tinha a decência de saber disso. Aquele pessoal era idiota com autoestima.

O velho careca sussurrou alguma coisa na orelha de um dos moleques, um menino alto e ruivo cheio de sardas, usando uma jaqueta de couro preta, camiseta branca e jeans claro. Os buracos na jaqueta tinham sido feitos com a tesoura da mamãe só para ele poder remendá-los com fio amarelo. Uma tentativa triste de parecer mais durão para os amigos. Devia ser um batedor ou aviãozinho da gangue: um garoto que achava que levar mais recrutas o ajudaria a ficar mais importante. Ele me olhou como se eu fosse um pinto num puteiro.

— Qual o teu problema com os magum, fortão?

Fortão? Aquele lugar tinha menos cérebro que as mulheres.

— Tantos que dá pra encher um açougue — falei, pronto para misturar alguma verdade nas mentiras para fazer descer melhor. — Os tais dos *sagrados* me prenderam ou me expulsaram da cidade tantas vezes que nem sei. Passei a vida sendo tratado como inferior, e quando eu reagi recebi um carimbo para me lembrar do meu lugar. A mágica acabou, eu sei, e sei que não vai voltar. Mas este mundo já teve uns milagres antes, então não quero arriscar. Quero ter certeza de que, se alguma coisa acontecer, não vai ter gente suficiente do lado deles para voltarem a ficar por cima.

*image
not
available*

9

Se você desenhar um círculo em volta da cidade e jogar um dardo no meio, vai acertar o hospital. Não as antigas clínicas apertadas entre as tubulações de esgoto no centro, mas o que foi construído alguns anos atrás.

A parte central do parque Yorrick foi derrubada para abrir espaço: um prédio novo cercado por árvores e otimismo. Deu um trabalhão. Eu ajudei a cortar as árvores, aplainar a terra e construir as fundações, mas não havia nada que eu pudesse fazer quando a construção começou de verdade.

Ele foi terminado logo antes da Coda. Por quinze gloriosos dias, era a estrela mais brilhante da cidade. Nós havíamos perdido a magia, o fogo e muitos amigos, mas o hospital ainda era novo e limpo como um presente recém-desembrulhado.

A explosão aconteceu antes do nascer do sol. O debate sobre a causa ainda continua. Talvez fosse algum problema com a nova tecnologia, ou algum acúmulo de gás sob a fundação. A maior parte dos sunderianos acha que foi um atentado terrorista. Por quê? Ninguém conseguia imaginar. Não porque parecesse improvável, mas porque as semanas pós-Coda foram uma confusão de violência de todos os ângulos: roubos, vinganças e

*image
not
available*

Nenhum homem vinha àquela reunião. Eu estava esperando mercenários endurecidos pela batalha, com punhos ensanguentados e tapa-olhos. Não só esperava, mas *queria*. Eu poderia me convencer de que havia justiça em tirar alguns assassinos sem coração do mundo. Essa seria uma boa história, não? Todo mundo poderia ir para casa feliz, de barriga cheia da doce satisfação de colocar homens ruins no seu lugar. Mas aqueles não eram vilões. Eram crianças. Claro que eram idiotas pra cacete e mais feios que a fome, mas eram tão jovens. Enganados, assustados e confusos sobre o que os tornaria homens. Eu era igual nessa idade. Pior, eu ainda fui pior depois. Não sabia se isso me fazia odiá-los mais ou menos, mas certamente fez o diabinho ficar na dúvida. Soltei a barra de ferro.

— Nos velhos tempos, os homens-cão viviam bem — continuou o ruivo. — Humanos se misturando com animais e achando que isso os tornava especiais. Só os tornava doentes. Eles macularam o sangue com magia e agora estão pagando o preço.

Ele estava falando de um lobisomem.

Muito antes de Sunder City existir, a vila de Perimoor havia sido construída nos penhascos de Kar. Na costa leste de Archetellos, uma montanha sagrada se estendia pelo horizonte, apontando para o ponto em que a lua muitas vezes nascia.

Ali, eles aprenderam o segredo de como unir os espíritos de humanoides e animais. Por motivos que nunca me foram explicados, quando um humano e um animal ficavam de pé naquela montanha em certa noite em especial e faziam um feitiço específico, eram unidos num só ser. Os guerreiros que descobriram isso se tornaram a primeira família de lobisomens. Já

*image
not
available*

mão quebrada estava se arrastando porta afora. Depois de uma dúzia de tapinhas, um mais idiota que o outro, apoiei minha bota na bunda do garoto e o empurrei para o chão. Ele tropeçou nos próprios pés e caiu de joelhos.

— Todo mundo para fora — ordenei, o mais casualmente possível.

Os garotos correram para a saída. O ruivo ergueu os olhinhos nervosos para mim, e eu apontei para o seu rosto com a marca vermelha da minha palma.

— Você fica.

*image
not
available*

nova! Não tinha um arranhão nela, só os buracos que ele mesmo abriu. Eu sei que a gente viu algumas coisas bem doidas na nossa época, mas isso foi o troço mais ridículo que eu vi em anos.

A risada dele era trêmula como um saxofone feito de lixas.

— Olha só pra você, Fetch. O mundo está de cabeça pra baixo, mas você continua exatamente o mesmo. Correndo de um trabalho para outro, seguindo quem tocar o sino. Acho que deve ter mais cão em você do que em mim.

Ele tinha deixado o cobertor com um colega no beco. Só uma camiseta cobria suas costas calvas. Parecia que ele estava tremendo, mas podiam ser apenas as pulgas. De repente, um casaco foi jogado na mesa na frente dele. Pete ergueu os olhos para a expressão tranquila de Eileen.

— Aqui. Alguém esqueceu faz semanas. Deve ser do seu tamanho. — Orgulho e vergonha lutaram nos seus olhos descombinados. — Pode ficar.

Ele passou os braços magros pelas mangas e resmungou:

— Obrigado.

— Sem problema.

Então ela enfiou um canudo na cerveja dele. Isso o fez sorrir. Ela também não parecia se importar com o seu sorriso. Acho que quando você passa os dias sob o quarto de um vampiro decrépito se acostuma a olhar a morte no rosto sem piscar.

Os outros clientes saíram, então Eileen pôde puxar um banco para o seu lado do bar. Nós dois ficamos felizes por ter mais uma pessoa no nosso grupo. Eu e Pete não tínhamos muitas coisas para falar. Os velhos tempos só traziam dor, e os novos não eram muito melhores. Eileen preencheu as lacunas perfeitamente. Começou a listar os piores clientes (talvez para deixar Pete mais confortável).

*image
not
available*

Liguei para o restante dos alunos e fiquei aliviado ao descobrir que as outras crianças estavam a salvo em casa. Consegui fazer algumas perguntas a eles — quando viram Rye pela última vez? O que estavam estudando? Ninguém sabia de nada. Aceitei o fato de que estava abrindo demais o jogo. Não precisava ser um gênio para descobrir que Edmund tinha sumido, e a fofoca se espalhava entre os pais como mijo pelo ralo, mas eu não estava mais preocupado em proteger a reputação de Rye. Uma garota tinha sumido. Isso significava que a discricção precisava tirar uma folga.

Tentei em vão me fazer parecer mais apresentável. Os Gladesmith moravam na única parte de Sunder que você poderia descrever como *bonita* sem cair na risada. A avenida Primrose atravessava os limites da cidade, cortando uma área de subúrbios aos pés da colina Amber. Naquele bairro, as coisas pareciam estar se mantendo bem. Não que as pessoas dali fossem ricas, elas só pareciam se importar.

A casa dos Gladesmith era modesta, mas aconchegante, e tinha a tentativa mais decidida de manter um jardim que eu via em anos. Um cientista tinha sugerido que o nosso solo continha um elemento mágico, e o temor era que depois da Coda nós

*image
not
available*

Já fazia mais de uma semana desde o desaparecimento de Rye. Eles não tinham sumido juntos, mas isso não significava que não havia uma conexão.

— Alguma ideia de para onde ela ia?

— Achei que talvez tivesse saído para ver algum amigo, mas a polícia já falou com todos eles. Todos que eu conheço. Ninguém tinha combinado nada com ela. Ela é uma boa menina. Somos muito próximas.

— Quais eram os interesses dela?

Deirdre se remexeu no sofá, então pegou uma das almofadas de que eu tinha me livrado e a abraçou.

— As coisas de sempre. Meninos, livros, jogos.

Assenti e respondi com o tom mais compreensivo possível:

— Tudo bem, Deirdre, não estou aqui para julgar ninguém.

Ela me encarou com raiva.

— Do que você está falando?

— Ouvi dizer que ela queria ser cantora.

Ela mal tinha feito contato visual comigo desde que eu chegara. Agora estava verdadeiramente se afastando da minha presença, se retraindo na própria mente.

— Eu falei que não era uma boa ideia. As pessoas vão achar que é patético ou perverso. É uma pena. Ela tem uma voz natural linda. Não como nos velhos tempos, é claro, mas uma voz doce. Ela não está tentando enfeitiçar ninguém.

Assenti. As sereias muitas vezes eram rejeitadas pela sociedade. Manipulação mental sempre foi uma prática proibida por todos: magos, bruxas, o que for. A Opus fazia uma exceção para as sereias, pois estava no sangue delas. Não eram capazes de se reproduzir ou sequer se relacionar sem a força da canção. Acho

*image
not
available*

AK — 5.^a melhor. AK — 10.^a difícil. AK — 10.^a ventania, compreensível. As anotações mais detalhadas estavam no início, antes de ficar tudo resumido. A primeira anotação dizendo AK estava na terceira aula, acompanhada de uma descrição extensa mas ainda incompreensível: AK — tudo bem até a quinta fileira mas falta ressonância para transmitir emoção. Da quinta à décima escutam-se palavras, mas sem força. Décima primeira adiante quase inaudível.

Ele estava testando a menina em um teatro. Algum lugar externo. Provavelmente algum lugar público, de fácil acesso. Eu não era um homem de muita cultura como gostaria, então se houvesse algum teatro na cidade, eu certamente não o frequentava.

Revirei o cérebro por meia hora, enquanto esperava o tal café chegar. De vez em quando, eu ouvia xingamentos na cozinha, e o homem de cabeça branca aparecia na porta.

— Desculpe, senhor, probleminhas aqui. Vamos tentar de novo!

Então ele desaparecia sem me deixar responder. Por fim, deixei o dinheiro na mesa e saí. Nem estava com fome mesmo.



O centro de informações ficava a dez minutos a pé: um tempo curto em passos, mas longo em memórias. Os pôsteres antes brilhantes anunciando oportunidades e igualdade estavam enrugados e sujos nas molduras. Brochuras com o título *Sunder: Um Mundo de Trabalho*, com um ogro animado e uma picareta

*image
not
available*

Com as montanhas atrás dele e o rio à frente, um exército inimigo poderia ser derrubado com flechas e magias de uma variedade de posições antes que chegassem perto o suficiente para atacar.

Como um último monumento ao seu poder, Domik ordenou que se construísse uma centena de estátuas. De todos os cantos do continente, ele reuniu os artistas mais celebrados que podia encontrar. Foram coagidos ou sequestrados por seus aprendizes e levados à fortaleza para começar a construção. Usando o barro das margens ricas em magia do Elk, uma centena de escultores criou uma centena de poderosas estátuas: cada uma mais monstruosa que a outra. Os artistas mergulharam em seus pesadelos para se inspirar e criaram monstruosidades com chifres, asas e presas que ficariam no topo das torres e encarariam qualquer adversário que ousasse se aproximar.

Os magos finalizaram as estátuas com suas chamas mágicas, transformando o barro em pedra sólida. Logo as criaturas deformadas ocupavam cada passagem, cada arco e cada baluarte do castelo. Para celebrar o fim da construção da cidadela, os vilões brindaram ao seu trabalho e beberam até desmaiar.

Não há registro em primeira pessoa sobre o que aconteceu naquela noite. As histórias preferem recontar o que houve na manhã seguinte, quando os corredores silenciosos ecoavam. A magia dos magos não teria causado qualquer efeito na carne pétrea das estátuas, assim como as espadas ou as flechas dos soldados. Os Ingari nunca haviam matado antes, mas com suas unhas e dentes afiados, eles logo se adaptaram.

Os corpos não foram jogados no rio dessa vez, e sim levados para bem longe da água, enterrados nos campos em que alimentariam plantas e flores. Quando a chuva caiu na noite

*image
not
available*

pessoas. Ou seja: ela sabia o mesmo que eu, e nem estava investigando.

Eu não estava mais próximo de encontrar Rye, mas a menina tinha desaparecido mais recentemente, então talvez as pistas estivessem mais quentes. Se você tentasse listar todos os perigos em Sunder City, esta cidade partida, levaria um ano inteiro, e provavelmente seria esfaqueado e roubariam seu lápis antes que terminasse. Mas se January Gladesmith cresceu aqui, sabia se defender. Talvez algo a tenha feito perder a cabeça. Se estava saindo de casa escondida à noite para praticar, isso talvez explicasse por que a mãe não sabia aonde ela tinha ido.

— É comum, no seu ramo de trabalho? — perguntei. — Encontrar uma sereia que quer se apresentar?

— O que é comum hoje em dia? Não tem nada neste mundo que não pareça estranho agora. Antes da Coda havia algumas, mas não muitas. Sempre achei que o objetivo principal delas era encontrar um homem, se casar e viver feliz para sempre. Não é isso que toda garota quer? Uma companhia para as noites frias?

Dias depois, me dei conta de que ela talvez estivesse flertando comigo. Estava tão por fora disso tudo que nem percebi as indiretas.

— Havia outra sereia — continuou ela depois de perceber que eu não ia carregá-la nos braços. — Gabrielle. Cantava e dançava em Sunder alguns anos atrás. Não acho que se deu muito bem. Ouvi um dos caras dizer que estava fazendo uns truques no Rose Quarter.

É claro. Todos os doidos e todos os santos acabam no Rose. Perguntei mais alguns detalhes para a moça, então apertei sua mão delicada.

*image
not
available*

o meu dinheiro em cada cabine era demais para resistir.

É estranho saber que elfos e anjos existem, mas ainda mais louco é dormir com um. Sabendo que meu primeiro contracheque em Sunder poderia me levar para a cama com uma banshee ou wendigo, meu pobre coração virgem mal conseguia suportar. Cada sonho ficava exposto, nas vitrines vermelhas, me chamando. Bruxas, ninfas, selvagens meio-gigantes. Por um preço, você poderia mergulhar nas profundezas de uma fada elemental, ou arriscar sua sanidade com uma súcubo.

Eu gostaria de poder dizer que nunca tinha achado isso legal: pagar pelo privilégio de passar a noite com uma mulher estranha, mas você já deve saber a esta altura que não sou tão nobre. Com mais uísque que sangue nas veias e um desejo sem limites, troquei o salário de uma semana por alguns minutos tristes com uma elfa baixinha e loura que ficava mais bonita sob a luz vermelha que na cama dos fundos. Sua pele era fria. Seus olhos, mais ainda. Antes que me desse conta, já estava de volta nas ruas, triste e de mãos vazias, sem nada além de uma mancha nas calças.

Definitivamente não era o ponto alto sexual da minha jovem vida, mas como todas as primeiras vezes, a lembrança ganhara poder erótico com o passar do tempo. Quando uma mulher me toca com a pele fria, a vergonha e a excitação daquela primeira noite ressurgem.

A atriz sugeriu que eu iniciasse minha busca no A Heroína: um prostíbulo profissional numa rua secundária aos pátios onde a multidão se reunia. Nada de meretrizes curvilíneas de seios de fora aqui, só uma cafetina mal-encarada e seu guarda-costas ainda pior.

O guarda-costas era um ogro todo vestido em couro com um anel afiado em cada dedo e um osso de dragão atravessando o

*image
not
available*

Ela serviu duas doses generosas em potes de geleia e me entregou um. Dei uma cheirada e tentei não parecer chocado. Dava para usar aquilo para acender um lampião, se não queimasse rápido demais.

— Pode beber, estranho.

Ela ergueu o copo mas me deixou tomar o remédio primeiro. Virei a dose de uma vez só, numa tentativa idiota de impressioná-la, e minha garganta pareceu pegar fogo.

— Merda! Talvez fosse melhor eu ficar com a terapia e os peitos.

— Ainda pode fazer isso. — Ergui os olhos cheios de lágrimas para ela, que mordida o lábio inferior. — Mas achei que você estava aqui a trabalho.

Olha. A essa altura você já sabe que não estou tentando aparentar ser nenhum pilar de decência. Porque não sou. Sou só um idiota com algumas histórias estranhas e uma língua solta. Claro, a bebida tinha me derrubado, mas não estou tentando inventar desculpas. Só falei:

— Não podemos fazer as duas coisas?

Qualquer que fosse o desafio proposto por ela, eu falhei. Qualquer mundo em que ela me ajudaria estava perdido. Os olhos selvagens e gelados me disseram que eu tinha feito a minha escolha.

Pensei que ela estava me provocando, então forcei a mão. Bem, ela pagou para ver. Desamarrando o laço no pescoço, a parte de cima do vestido se soltou e caiu no seu colo. E sim, seus seios eram perfeitos e eu não me arrependo de tê-los visto. Aquela imagem ainda surge sob as minhas pálpebras em noites solitárias em que só quero cair no sono.

*image
not
available*

para baixo, o sangue na minha camisa era uma bela indicação do estado do meu rosto. Lutei contra a tentação de tocar a boca, o nariz ou os olhos. Isso podia esperar. Tirei a camisa de dentro da calça para esconder a mancha úmida na virilha e escalei a lateral do canal.

As estrelas lutavam com as nuvens quando eu comprei uma garrafa na esquina e me arrastei escada acima até meu escritório. Larguei as roupas sujas de sangue e urina num canto e usei um pano úmido para tirar a sujeira do espelho. Minha cara não estava tão ruim quanto eu imaginava, mas isso não ajudava muito. Se minha aparência combinasse com a sensação, minha cara ainda estaria no chão daquela prostituta. Meu nariz parecia ser o líder daquela confusão de traços descombinados. Não era a primeira vez que eu o quebrava, mas antes havia algum médico por perto para ajustá-lo e me medicar. Agora eu nem conseguia pensar em um amigo que poderia aparecer e pôr minha cara no lugar.

Abri a boca e deixei o uísque escorrer pela garganta. Ajudou, mas era como virar um copo de água no deserto e querer que a seca passasse.

Deixei o álcool fazer efeito antes de erguer os dedos e sentir a dor. Xinguei, afastei a mão e tomei outro gole. Depois mais um, até acabar com a garrafa. Então me levantei e andei pela sala xingando um pouco mais. Dei um tapa no topo da cabeça e encontrei outro machucado. Sentei de novo e segurei o nariz. Fechei os olhos. Empurrei a cartilagem para a esquerda.

Não foi com força suficiente.

Gritei com o punho fechado na boca e joguei a garrafa vazia na parede. Levei alguns minutos para tentar de novo. Na segunda tentativa, ouvi um *clic* ricochetear pela minha cabeça idiota. O

movimento soltou alguns coágulos no fundo da garganta que foram parar no estômago. Consegui chegar na pia antes que a garrafa de uísque voltasse garganta acima.

Lavei o rosto, tirei o sangue da pia e a enchi de água para lavar minhas roupas fedorentas. Enfiei um sabonete lá dentro, então me joguei na cama. Dormi o dia inteiro e, quando a noite caiu, continuei dormindo.



Havia alguém no meu quarto.

Não tinha luz suficiente para ver quem era, mas eu sabia que havia alguém ali. Não estava se mexendo. Nem eu. Eu estava totalmente nu, cheio de papel higiênico no nariz, sem nada ao alcance além de um travesseiro sujo de sangue e meu próprio pau mole.

O intruso nem se mexeu. Tinha o corpo de um menino e as feições delicadas de uma linda mulher, com um bigodinho fino que poderia ter sido desenhado a lápis. Estava segurando um lampião e mais bem-vestido que qualquer um que eu vira em Sunder em anos. Terno caro de veludo cinza-chumbo e azul, com uma capa de um roxo profundo que caía por cima dos ombros. Ele tinha unhas pintadas, botas limpas e duas espadas finas presas ao cinto.

— Olá, sr. Phillips.

Dei um tempo para ver se ele não ia puxar as armas antes de me jogar na cama e cobrir minhas partes com o lençol. Tinha aberto os cortes no braço e no lábio, e sangue pingava na cama.

— Parece que o senhor aprendeu algumas lições — continuou.
— Acredito que não serão as últi...

— Isso é uma capa?

Ele parou no meio da palavra com a boquinha atraente aberta.

— O... o quê?

— Você está de capa?

— Sim. Eu...

— Quem é que usa uma porra de uma capa? O que você é?

— Eu fui enviado...

— Vai chupar uma rola.

— Perdão?

— Perdão? De jeito nenhum. Você invade a minha casa no meio da noite e me acorda enquanto estou totalmente pelado. Já ouviu falar de hora do expediente?

— É exatamente disso que vim falar.

— Então pode esperar o expediente começar. Volte depois do meio-dia e vista alguma coisa menos idiota.

Virei de bruços e mostrei minha bunda.

— Sr. Phillips! — O merdinha estava ficando agitado. — O senhor quer ouvir o que tenho a dizer.

— Vai se pendurar num trapézio, palhaço, antes que eu faça você comer esse terninho.

O papel higiênico caiu do meu nariz, então enfiei o tampão carmesim de volta.

— Sr. Phillips, trago uma mensagem aos cuidados da Liga dos Vampiros, os poderosos protetores dos fracos e executores da justiça. Nós tomamos conhecimento de que...

— Você é vampiro? — Eu nem me incomodei de virar para ele.

— Nós tomamos conhecimento de que...

— Você é só um mensageiro, né? Foi isso que você falou?

— Vim aos cuidados da Liga...

— Mas não é vampiro?

— Hum... não.

— Então não diga “nós tomamos conhecimento”. *Eles* tomaram conhecimento.

Ele ficou em silêncio por tanto tempo que quase caí no sono de novo.

— Eles tomaram conhecimento de que o senhor está investigando o desaparecimento de um membro da Raça do Sangue. Estamos observando o se...

— *Eles* estão.

O homem suspirou.

— *Eles* estão observando o senhor já faz algum tempo, e permitiram que sua investigação continuasse porque... eles tinham fé de que os seus interesses e os deles convergiam. Agora eles estão temendo que seus modos descuidados possam causar mais danos do que benefícios à causa. O senhor interromperá suas investigações. O senhor não mencionará mais a Raça do Sangue. O senhor abandonará sua fraca tentativa de encontrar o sr. Rye ou sofrerá as consequências.

— E a menina?

— Que menina?

— Aaaah. Então eles não te contaram tudo, né, rapaz? Uma menina sumiu, e tem uma coceirinha na minha cabeça que me diz que não foi coincidência. A Liga não mencionou a menina, né? Eles só estão cuidando dos próprios rabos. — A dúvida que tomou o rosto do rapaz foi mais fácil de ler do que dever de casa

do pré-escolar. — Então talvez eu não esteja indo tão bem na investigação, mas, se você não se importar, vou continuar fazendo meu trabalho e recolher meu pagamento até essa história toda acabar.

Ele balançou a cabeça como um pai decepcionado.

— Você é um bêbado. Um perigo. Em nome da Liga dos Vampiros, estou avisando que fique fora do caminho.

Ele apagou o fogo do lampião e o quarto ficou escuro.

— Nossa. Moleque bizarro. Você está aí, tentando sair sem que eu te ouça? Quando a Liga chegar na cidade, vou contar para eles como sua performance foi impressionante. Dez pontos pelo conceito, mas só cinco pela execução. Vou voltar a dormir agora.

Eu tentei. Estava cheio de bile e sangue coagulado demais para me importar com alguma organização antiquada fazendo ameaças das sombras, mas eu sabia que tinha esquecido alguma coisa, em algum momento, enquanto minha mente lutava contra rancores e maldades em vez de velhos desaparecidos e meninas fugidas.

No céu noturno, alguém ligou a chuva com força. As gotas batiam na janela como um baterista ruim tentando chamar minha atenção, mas minha mente estava nos velhos tempos, quando cometi tantos erros.



A segunda marca foi feita pelos meus amigos...

Em toda a minha vida, fui apresentado a coisas que eu poderia entender intelectualmente, mas não ser capaz de experimentar eu mesmo. Voo era um bom exemplo. A primeira vez que vi alguém subir aos céus, meu assombro foi soterrado por uma inveja profunda e amarga. Eu quase compreendia Weatherly depois disso; por que alguém construiria aquelas muralhas em vez de ver milagres que nunca poderia alcançar.

O companheirismo me confundia da mesma forma. Tentei criá-lo muitas vezes, em todas as instituições a que servi: cantando hinos, dando tapas nas costas, chamando as pessoas de irmão ou camarada. Eu podia dizer as palavras, mas eram sempre vazias. Sentir-me parte de um grupo parecia tão impossível quanto voar.

Família era outra ideia que nunca realmente fez sentido para mim. Talvez eu pudesse me perdoar nessa questão, considerando as circunstâncias, mas tenho certeza de que outras pessoas encontrariam conexões reais na casa dos Kane, onde só vi pessoas gentis me fazendo um favor.

Amor? Quem é que entende essa merda? Há um milhão de poetas no mundo neste momento tentando desvendar esse mistério.

Então, temos a amizade.

Eu compreendo, é claro, mas parece diferente quando é com outras pessoas. Elas parecem à vontade umas com as outras, enquanto eu sempre me sinto um turista. Durante meu primeiro ano em Sunder City, achava que as pessoas passavam o tempo comigo por caridade. Eu não era inteligente ou engraçado ou especialmente interessante, então achava que só ficavam por perto por gentileza. Foi só depois,

relembrando as longas noites e as risadas no bar, que me dei conta de que Hendricks talvez fosse diferente.

Eu estava lutando para sobreviver à segunda noite como lavador de pratos no Fosso. Na época, o lugar era de um anão chamado Titã Tatterman, que pagava pouco, gritava muito e em geral caía de bêbado antes do fim da noite. Foi só porque ele era um completo babaca que eu consegui o emprego.

Eu tinha aparecido em Sunder sem qualificação, contatos ou experiência, e para completar, era humano. O que significava que sempre havia alguém que podia fazer o trabalho mais rápido e melhor que eu. Quer um espião? Contrate olhos élficos. Precisa de uma escavação? Só um gnomo vai conseguir. Precisa de armas e não compra de um anão? Quando sua espada se desfizer em pedaços, vai ser culpa sua!

Tudo que eu tinha era muito entusiasmo e disposição para fazer trabalhos que ninguém mais queria. Em geral, isso significava que eram em limpeza.

Eu limpava mesas, lavava copos, empilhava pratos e cutucava cuidadosamente o velho Tatterman, que caíra no sono em uma cabine, quando alguém bateu na janela de vidro na porta do Fosso.

Quando me virei, vi um rosto dourado, emoldurado por cachos fechados cor de cobre. O sorriso amplo sugeria familiaridade, mas eu tinha certeza de que nunca tinha visto o rapaz antes. Destranquei a porta, prestes a explicar que o bar estava fechado, mas antes que eu pudesse abrir a boca ele deu uma risada e disse:

— Olha só para você.

Só o fato de ser visto por ele pareceu me transformar. Ele tinha tanta presença que, por mais idiota que pareça, fui surpreendido pela profunda compreensão de que eu existia. Havia me acostumado tanto

a ser parte do fundo, observando os outros, ficando impressionado e nunca impressionando, que era quase como se eu nem estivesse ali. A maioria das pessoas só me dedicava olhares de passagem. Hendricks olhava para mim como se eu fosse uma planta exótica que surgira em meio às tábuas do piso.

— Um passarinho me contou que você veio de Weatherly — ele continuou, colocando a mão no meu ombro.

— Ah, é verdade.

— Fantástico! — Ele passou por mim e entrou no bar. — Quero que você me conte tudo. É um dos únicos lugares do continente em que nunca consegui entrar. O que, para ser sincero, me irrita demais. Eu nunca encontrei alguém que tivesse visitado a cidade murada, quanto mais morado lá. Que maravilha!

Enquanto falava, ele gesticulava loucamente. Mesmo sem ouvir sua voz melodiosa e articulada, imagino que seria possível ter uma boa ideia do que ele estava falando só pelas suas mãos.

— Agora — continuou ele —, o que vamos beber?

Confuso, olhei do estranho para o chefe em coma, caído de cara na mesa.

— Ah, o bar está fechado.

Ele abanou a mão, desconsiderando minhas palavras.

— Isso aqui é Sunder, rapaz, nada fecha, nunca. — Ele tirou uma folha de bronze do bolso, levantou um dos dedos gordos de Tatterman, empurrou a nota para baixo da mão dele e a deixou lá.

— E então, já experimentou seiva queimada?



A Opus tinha sido formada por magos, elfos e fadas no fim da Quinta Guerra. Com o passar dos séculos, outras espécies mágicas se juntaram a eles até se tornarem a organização mais poderosa do mundo, responsável pela proteção, educação e criação de leis.

Os membros eram selecionados entre todas as raças, mas os magos, elfos e fadas indicavam um alto chanceler para o posto mais alto. O trabalho não era tanto reinar, mas agir como um líder para unir a organização. Pelos últimos cem anos, o chanceler elfo era Eliah Hendricks.

Elijah era um alto elfo apaixonado pelos lugares mais baixos da vida. Ele tinha um entusiasmo sem igual por aventuras, romances, comida, bebida e conversa, e sua posição lhe garantia recepções calorosas em toda Archetellos.

Quase toda.

Weatherly era a única grande cidade que ele nunca visitara, e eu era o primeiro informante interno.

Nós conversamos até o nascer do sol naquele primeiro encontro, e ele voltou todas as noites daquela semana. Queria saber tudo que eu me lembrava da minha infância. Nós tínhamos água encanada? Sim. Quais eram as comidas comuns? Batatas, galinha, feijão. Como era a educação lá? Rígida, baseada em produtividade. Alguém saía das muralhas? Não. E como eu escapei?

Ninguém tinha me perguntado sobre a minha história antes. Não de verdade. As pessoas ouviam o resumo e perdiam o interesse. Hendricks me perguntou cada detalhe, adorando a jornada quase como se estivesse ao meu lado. Enquanto eu recontava minha experiência de deixar as muralhas, ele começou a saltitar. Quando falei do sátiro na cabana, ele praticamente gritou.

— Minha nossa, rapaz! E o que você pensou quando o viu?

— *Eu... fiquei embasbacado, acho.*

— *É claro que ficou! Que maravilha. Não são incríveis? Um povo maravilhosamente gentil, cada um deles. Então, o que houve?*

Pela primeira vez, eu podia dividir minha vida com alguém que parecia se importar. Hendricks não só ouvia; ele comemorava como se estivesse assistindo a uma partida esportiva, e cada informação nova fosse um ponto para a sua equipe.

— *Ah, bravo! Sim! Aqueles acendedores de lampião não são um sonho?*

Eu mostrei minha tatuagem a ele, para sua grande diversão.

— *Sabe, a Opus iniciou essa tradição. — Ele puxou a manga do seu blazer de veludo fino para revelar uma única tatuagem de linhas finas que brilhavam em verde-oliva quando refletiam a luz. — Quase trezentos anos atrás, as primeiras marcas eram feitas em todos os líderes mágicos que concordaram com a trégua. Cada padrão é criado individualmente, mas todos simbolizam o grande rio de magia que flui por todos nós. — Ele ergueu os olhos no momento em que meu sorriso falhou, o que o fez gargalhar. — Bem, quase todos nós. Hoje em dia muitas organizações copiaram nosso pequeno ritual. Vocês, humanos, são uma espécie naturalmente invejosa, sabe?*

Ele piscou e encheu nossos copos pela quinta vez.

Quando Hendricks saiu de Sunder, um tanto da minha vida pareceu ir embora com ele. Para a minha sorte, ele nunca se afastava demais. O continente estava num momento de relativa estabilidade e Sunder se tornara um projeto pessoal de Hendricks. Altos chanceleres anteriores tinham tratado a cidade como inimiga, tentando destruí-la com leis e embargos. Hendricks viu seu potencial. Ou pelo menos apreciava o seu poder. Em vez de lutar contra ela de fora, ele esperava atraí-la para a Opus de dentro. Porém, Sunder precisava de um